



INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARÁ – IHGP

Essências e aparências de uma geografia metropolitana na Amazônia

Tiago Veloso dos Santos

Discurso proferido em 01 de fevereiro de 2017 em sessão solene no Instituto Histórico e Geográfico do Pará ao tomar posse da cadeira n. 54, patrono Catharina Vergolino Dias.

**“Aquele que não suportou a tensão do estudo, não provará o prazer do saber”
(Abd Al-Latif, 1162 – 1231)**

**“O real não está na saída, nem na entrada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.
(Guimarães Rosa)**

Belém
2017

Ilustríssima Senhora Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Dr^a. Anaiza Vergolino e Silva. Caro primeiro-secretário deste mesmo instituto, professor Pedro Rocha. Ilustríssimo senhor diretor-geral do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – Campus Belém, senhor Manoel Antonio Quaresma. Prezada senhora Laura Helena Barros, diretora de Ensino desta instituição. Estimado professor Saint-Clair Trindade Jr, a quem agradeço o carinho da apresentação. Senhores sócios efetivos do Instituto, professores, amigos, alunos e familiares aqui presentes. Gostaria de iniciar com a citação de um dos meus autores favoritos, um sociólogo que a pouco nos deixou:

“Nós somos responsáveis pelo outro, estando atento a isto ou não, desejando ou não, torcendo positivamente ou indo contra, pela simples razão de que, em nosso mundo globalizado, tudo o que fazemos (ou deixamos de fazer) tem impacto na vida de todo mundo e tudo o que as pessoas fazem (ou se privam de fazer) acaba afetando nossas vidas” (BAUMAN, Z. Modernidade Líquida)

As palavras citadas nos induzem a ver um mundo que funciona de forma articulada, porém distante, um mundo das relações cada vez mais perenes de sentido profundo, tal a rapidez com as quais estas mesmas relações mudam. Por isso, creio que, cada vez mais, que vivendo em um mundo “líquido e global”, é necessário pensar, estimular, refletir sobre aquilo que tem a solidez das nossas relações de convivência e de proximidade cotidiana, aquilo que é local, as coisas importantes da vida.

Foram relações de proximidade e baseadas em afetividades e cumplicidades sólidas, que me permitiram estar aqui convosco neste dia e, as grandes mediadoras deste processo, foram, nessa ordem, as pessoas e as instituições.

São esses dois dos elementos que compõem a vida em sociedade e que, a meu ver, constituem parâmetros relacionados à condição e a produção daquilo que Paulo Freire acreditava que nos permitiria construir o que singelamente chamava de “uma sociedade menos malvada”.

Hoje, ao assumir a condição de sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, procurarei manter ações e reflexões baseadas nestes fundamentos, posto que, o papel dos indivíduos e das instituições, como este Instituto Histórico e Geográfico, é mostrar caminhos que enriqueçam a nossa vida em coletividade, que possam ofertar forma de vivência cotidiana que estejam para além do binômio “trabalho-consumo / consumo-trabalho” que nos empobrece cotidianamente.

Na trajetória intelectual que cumпри até este momento, está o sentido e a importância das instituições educacionais, especialmente aquelas ligadas ao mundo do trabalho e da cultura, como esta que gentilmente cedeu o espaço para realização desta cerimônia.

Ao assumir a cadeira de número 54, cuja patronímica é Catharina Vergolino Dias, dou continuidade ao compromisso de manter estas instituições como espaços de convivência profícua da produção e reflexão intelectual, produzindo espaços arejados para a vida cotidiana, plenos de sentidos, de feitos e de significados, que reflitam todas as dimensões da vida humana.

A vida e a obra de Catharina Vergolino Dias¹, nos ajudam hoje a pensar a importância que temos como intelectuais e professores para a nossa História e para a nossa Geografia. Catharina Vergolino Dias era paraense, nascida no município de Mocajuba, na época Comarca de Cametá, em 13 de agosto de 1924. Seus pais se chamavam Juvêncio de Figueiredo Dias e Maria Dorilla Vergolino Dias. Foi a 5ª filha de oito irmãos. Catharina nasceu em uma família que, dos anos 1920 aos anos 1950 teve grande influência política e econômica na região do Médio Rio Tocantins, na área que se estende hoje de Mocajuba à Marabá. Esse poder tinha como referência a figura de seu tio-avô, Deodoro Machado de Mendonça. Seu nome era homenagem a tantas outras Catharinas que haviam existido na família, expressão de manutenção de uma linhagem que se pretendia nobre.

Entretanto, quando se observa a sua trajetória de vida, percebe-se o quanto abriu mão dos padrões e canais de poder ao seu alcance, reafirmando-se enquanto indivíduo, e, essa escolha esteve intimamente associada as instituições da educação e da cultura. Catharina escolarizou-se em escolas públicas e laicas – o antigo ginásio no Colégio Moderno. Indo a seguir cumprir seus estudos na antiga Escola Normal – hoje, Instituto de Educação do Pará (IEP) – onde se formou professora.

Esse não foi o fim de sua trajetória, que para os padrões da época poderiam encerrar-se com um prestigioso casamento. Foi além, decidiu, com apoio financeiro de seu pai, partir para o Rio de Janeiro, sozinha, para cursar uma Universidade. Mesmo o falecimento de seu pai, ocorrido em 1950 não interrompe seus planos. No Rio de Janeiro concluí seus estudos na antiga Universidade do Brasil (hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ), formando-se como Bacharel e Licenciada em Geografia e História.

A conquista de sua formação lhe permitiu atuar em renomadas escolas no Rio de Janeiro, tornou-se professora de notáveis colégios particulares como o Colégio Andrews e o Santa Úrsula. Era uma das professoras indicadas pela direção para acompanhar os alunos em excursões didáticas-científicas internacionais, como aconteceu em 1957 quando acompanhou alunos do Colégio Andrews à Argentina. Foi também agraciada com bolsa de estudos na área de Trópicos Úmidos e partiu para estudar na Europa, passando por países como França, Alemanha e Áustria.

¹ Agradeço as contribuições da Professora Anaisa Vergolino Dias que gentilmente dipôs-se a colher informações essenciais acerca da vida e obra de Catharina Vergolino Dias para a composição deste discurso.

Foi essa formação longa, ampla e rica que lhe permitiu ir além das funções docentes. Compôs o quadro técnico de importantes instituições, como o quadro de geógrafos pesquisadores do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o quadro técnico diretivo da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM). Esteve, portanto, na linha de frente de um amplo esforço técnico e intelectual, produzindo importantes estudos para a abertura da fronteira amazônica. Trabalhou em conjunto com profissionais de várias disciplinas e, dentre eles, o geógrafo brasileiro Orlando Valverde, na produção dos estudos de viabilidade da rodovia Belém – Brasília. Foram essas experiências que lhe permitiram ter uma profícua produção acadêmica.

De certa forma, sua primeira obra é um retorno às origens. Em 1958 é publicada na Revista Brasileira de Geografia o ensaio intitulado “**Marabá: centro comercial da castanha**”. Ao lado do professor Orlando Valverde, foi organizadora da obra “**A rodovia Belém-Brasília**”², produzida pelo IBGE e publicada em 1967. Teve importante participação na elaboração de planos e programas governamentais, especialmente para a região amazônica, como reflete sua participação na obra “**Plano e metas do governo: o Plano Regional de Desenvolvimento da Amazônia (1972 – 1974)**”³, produzido no âmbito da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e publicada em 1971.

Assim, sua produção técnica e acadêmica está vinculada a um esforço intelectual de transformação da economia, do território e da sociedade regional e de nosso estado. Nesse caso, a obra de Catharina Vergolino Dias deve ser reconhecida como de fundamental importância para entender a história e a geografia paraense.

E destaque que também deve ser reconhecida a sua condição de mulher, sua importante participação na construção do papel feminino na sociedade, nas instituições e na academia paraenses. Uma das formas de reconhecimento é o fato de essa instituição, preservando seu nome junto a outras personalidades da geografia e da história regional.

Hoje, tenho o compromisso de suceder a essa importante geógrafa e historiadora, embora com uma trajetória que não é rica e brilhante como reflete sua biografia. E, de fato, com um percurso que difere bastante daquele que foi percorrido por ela.

Em boa parte, sou desses amazônidas que, nascidos aqui, pouco conheceram a floresta, pouco tiveram de relação com seus rios, posto que a floresta e o rio, na vida da metrópole são apenas resíduos momentâneos de um apelativo lazer metropolitano.

² VALVERDE, Orlando; DIAS, Catharina Vergolino. **A Rodovia Belém – Brasília: estudo de geografia regional**. Rio de Janeiro: IBGE, 1967.

³ DIAS, Catharina Vergolino. **Plano e metas do governo: o Plano Regional de Desenvolvimento da Amazônia (1972 – 1974)**. Manaus: SUDAM, 1971.

Em meu caso particular, as trilhas que segui e construí estão intimamente relacionadas a formação de uma metrópole que deixou de ser “compacta” e passou a ser “dispersa⁴”. Por coincidência histórica, metrópole que pôde ser constituída somente a partir da chegada da rodovia. Elemento do qual Catharina Dias teve importante participação.

Portanto, cabe também falar das nossas trajetórias, aqueles passos que nos dizem quem somos e que nos mostram o que podemos ser, e que são tão importantes quanto o ponto de chegada. Primeiro, morando com meus pais na rua dos Mundurucus, quando não foi mais possível arcar com os custos do aluguel, e foi necessária a saída do núcleo metropolitano de Belém, em direção as suas primeiras áreas de expansão. Passamos a residir na antiga Avenida Primeiro de Dezembro, na franja metropolitana mais imediata, mas que, dadas as intensas transformações na malha urbana, também constituiu morada provisória.

A necessidade de saída das proximidades do centro nos levou para a área de expansão planejada, direcionada sempre pela rodovia. Primeiro no Conjunto Júlia Seffer, já no município vizinho de Ananindeua, elemento clássico de política urbana viabilizado pelo Estado em parceria com o Mercado, com a compra em infinitas parcelas, que demoraram trinta anos a serem pagas, no lugar que passamos a chamar de lar, que construímos nossas relações de amizade, não por acaso, as beiras de uma rodovia, uma daqueles 11 rodovias que compõe a Belém-Brasília.

Daí, desde a infância vivenciamos a dependência do núcleo metropolitano, das necessidades de serviços educacionais, de lazer, de consumo, de trabalho. Mais, portanto que uma Geografia Urbana, tratou-se em essência da construção humana a partir de uma Geografia Metropolitana. Essas mudanças provocaram verdadeiros afastamentos e reaproximações, nos afastávamos porque não havia mais condições materiais de permanecer no núcleo metropolitano, mas essas mesmas necessidades materiais nos levavam a nunca deixar essa área da metrópole, mesmo que de forma efêmera.

Aqui é necessário dizer que minha história e trajetória encontra-se com a de minha patronímica, posto que, foram as relações de afetividades das pessoas mais próximas em conjunto com as instituições do mundo do trabalho e da cultura os promotores das possibilidades de transformações. As pessoas, na figura de meus pais, que nos momentos de maior dificuldade, nunca deixaram de ter a preocupação com minha educação e com a de meus irmãos.

As instituições do mundo da educação e da cultura, a escola de qualidade, a Universidade Pública, aquelas que são capazes de mudar nossas trajetórias, nos proporcionando

⁴ TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro. **A cidade dispersa**: os novos espaços de assentamentos em Belém e a reestruturação metropolitana. 1998. 394f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

a autonomia real, aquela que não é apenas individual, mas também potencializa autonomia coletiva.

Em um período histórico que se valorizam cada vez mais as coisas líquidas, dentre elas o consumo e a produção, como os elementos estruturantes da vida em sociedade, que momentos como este, que permitem e estimulam a reflexão, o encontro, a confraternização, possam ser lembrados e saudados como aqueles que realmente importam, posto que “as coisas não são bonitas apenas quando duram”. Há beleza também na sua efemeridade.

Este momento, portanto, tem o intuito não de engrandecer este que vos fala, mas ao contrário, que eu possa a partir deste discurso, agradecer a cada um pela importância que tiveram, que têm e continuarão a ter na construção de minha trajetória.

Muito Obrigado!